

Má formação leva professor a cometer erros absurdos

Eliane Bardanachvili

O Brasil foi descoberto pelo rei de Portugal, após uma briga com Napoleão Bonaparte; o Sol gira em torno da Terra e o homem do campo distingue-se do homem da cidade pelas roupas rasgadas, mãos sujas e dentes podres. Para ter acesso a este samba do crioulo doide, basta que uma criança vá à escola. A professora, vítima de uma formação deficiente, se encarregará de transmitir conteúdos distorcidos e equivocados, coroando isso com total ausência das mais importantes técnicas pedagógicas. É o que constatou a pesquisadora Maria Lúcia Brandão, após acompanhar e gravar, durante dois anos, 108 aulas, em diversas escolas de 1º grau do Rio, a maioria pública.

O resultado do trabalho, que ela concluiu em 1984, como tese de mestrado pela Uerj, e atualizou no ano passado, acaba de ser publicado na *Revista de Tecnologia Educativa* da Organização dos Estados Americanos (OEA). Maria Lúcia, há 31 anos dando aulas para normalistas e atualmente professora da faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), escolheu aleatoriamente 653 ex-alunas de seis escolas normais públicas cariocas, formadas em 1977, e resolveu contactá-las para verificar em que situação se encontravam anos depois.

Apenas a terça parte estava trabalhando no magistério, sendo que 108 dando aulas no 1º grau e só três no 2º grau. Dezoito estavam em cargos administrativos e 63 em pré-escolas — sem terem cursado o ano a mais de especialização, obrigatório para quem quer dedicar-se a esta faixa de ensino. Entre as

que não estavam no magistério, mais da metade estava desempregada, chegando a implorar um emprego à pesquisadora, quando contactadas.

Para avaliar o desempenho do professor, ela utilizou a metodologia criada pelo pesquisador da Universidade de Stanford, na Califórnia, Bruce Joyce, segundo a qual deve-se utilizar o maior número possível de estratégias pedagógicas na relação com os alunos. Ao computar os resultados de sua pesquisa, Lúcia constatou que os professores limitam-se a apenas três estratégias: aulas expositivas, imposição de atividades e cobrança de memorização de conteúdos.

Luxo — Palavras de encorajamento do professor à turma ("Hoje vocês estão ótimos!"), estímulo a que o aluno tire as próprias conclusões acerca do conteúdo ou manifeste sua expressão pessoal através de textos livres, desenhos e murais, bem como o aproveitamento de experiências dos alunos para serem discutidas com o grupo, são artigos de luxo, nunca constatados pela pesquisadora. "O aluno não reflete. As perguntas são feitas de uma maneira a exigir uma única resposta. Não há espaço para o questionamento", diz ela, que avaliou o ambiente escolar como desorganizado, tenso, confuso e, conseqüentemente, pouco propenso à aprendizagem.

"O professor não liga, absolutamente, para o que acontece em sala. Acha que sua função é transmitir a informação, apenas", diz Lúcia Brandão, apontando uma total ausência de sanções na relação do professor com o aluno e uma "tremenda permissividade", que resulta em "insuportável indisciplina". Assim, um aluno é capaz de discutir violenta-

mente com outro, como foi flagrado pela pesquisadora algumas vezes, sem que a professora mova-se de seu lugar.

Diante do triste quadro, Lúcia concluiu que só ficam no magistério os mais acomodados, os menos capazes e um ou outro idealista. A maioria dos professores pesquisados admitiram estar dando aulas por falta de opção e que entraram na escola normal por ser um caminho fácil para se cursar o 2º grau. É claro que, em sua peregrinação pelas salas de aula, Lúcia encontrou os bons professores, cuja existência é inócua: o trabalho de qualquer bom professor desaparece no meio do terrível quadro.

"A escola está desarticulada, descontextualizada, inadequada à clientela a que se destina", constatou Lúcia, admitindo já estar esperando esses resultados.

Lúcia observou também que, dos 108 professores que davam aulas no 1º grau, metade estava na 1ª série. "Um país de analfabetos precisa de gente capaz para enfrentar o desafio de alfabetizar. Mas é justamente na 1ª série, a base de tudo, que se conta com professores recém-formados e inexperientes", conclui. "Não adianta falar em construir escolas e repetir chavões como erradicar o analfabetismo se o professor está mal preparado", alerta.

Para atualizar a pesquisa, antes de publicá-la na revista da OEA, Lúcia Brandão repetiu-a numa escola pública de 1º grau no ano passado, avaliando o desempenho de seus professores. "O perfil do professor em sala é exatamente o mesmo de cinco anos atrás. A educação não mudou nada no Brasil", lamenta.